







Album - Semanal
1904 - S Paulo.

2 off

A SEMANA

VOLUME I

(JANEIRO A DEZEMBRO DE 1885)

RIO DE JANEIRO

Redacção, Officinas e Gerencia

36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO 1º VOLUME (ANNO I) D'A SEMANA

A. F.
Bellas Artes — 21. (*)
A. R.
Aluizio Azevedo (Novas obras) — 44.
ADELINA L. VIEIRA
A borboleta (L. Ratisbonne) — 39.
Os ingratos » » — 40.
Vingança » » — 41.
Contraste — 43.
O Natal — 46.
O Anjinho — 47.
D. Quixote — 48.
O dia de Natal — 52.
ADRIÃO DE CASTRO
Semper, soneto, (*Collaboração*) — 45.
AFFONSO CELSO JUNIOR
A esposa (traducção de Catulle Mendès)
poesia — 4.
AGAPITO DA VEIGA
Victor Hugo — suplemento ao n. 24.
ALBERTINA PARAISO
Prantos de criança (poesia) — 46.
Ao mar (poesia) — 47.
ALBERTO CONRADO
Victor Hugo (*Collaboração*) — 22.
ALBERTO D'OLIVEIRA
Lendo os antigos (soneto) — 7.
Titania » — 8.
A janella e o sol » — 9.
Sombra » — 10.
Manto real » — 18.
Victor Hugo » — 22.
Galatèa » — 23.
Paraiso vedado » — 33.
A entrada do inverno » — 37.
ALEXANDRE DUMAS
Carta a Duse-Checchi — 29.
ALFINETE
O bispo nas eleições — 2.
Responso da «Folha Sôva» (trioletes) — 17.
Aqui, ali, acolà — 35, 37, 41, 44, 50 e 52.
ALFREDO PALHETA
Bellas Artes — 23, 30, 32, 34, 35 e 39.
ALFREDO DE SOUZA
O vaso de flores (traducção de Th. Gau-
tier) — 3.
Pezar (soneto) — 11.
Ventura » — 17.
Victor Hugo — 22.
A caveira — 28.
A Duse Checchi — 29.
Meditando — 37.
Intima — 51.
ALPHONSE DAUDET
Os rouxinões do cemiterio, (traducção de
Lucio de Mendonça) — 14.
ALUIZIO AZEVEDO
Ruy-Vaz — 20, 21, 23 e 24.
Victor Hugo (22 de Maio) — 22.
Duse Checchi — 29.
Bellas Artes (O grupo de Bernardelli) —
14.
AMBROSIO SEVÉRO
Poesia e poetas — 14,
Política e politicos — 16, 18, 19, 21, 22,
23 e 27.

« Quadros de hontem e de hoje » — 29.
Poesia e poetas (As Bohemias) — 32.
AMERICÓ LOBO
Chanson — 12.
A Victor Hugo (soneto) — 48.
ANGELO DE S. PRAY
Paginas de um livro — 49.
ANTONIO NOBRE
Santa Cecilia (soneto) — 36.
ARARIPE JUNIOR
Germinal — 18, 20 e 21.
Os nossos livros « Tropos e Fantasias »
— 34.
ARTHUR AZEVEDO
Victor Hugo — 22
Duse-Checchi — 29.
ARTHUR MENDES
Duse-Checchi — 29.
Phalena — 35
Mater infelix (soneto) — 41.
As crianças — 52.
ASCANIO MAGNO.
Anjo (soneto) — 56.
AUGUSTO DE LIMA
Atravez dos seculos (Paginas esque-
cidas) — 32.
BARÃO RECLAME
Catastrophe — 9.
BIBIANO
Cofre das graças — 2, 3, 4, 12, 18, 28, 29,
30, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 41, 45, 49 e 51.
C. CASTELLO BRANCO
Maria da Fonte (excérpto) — 17.
Na « aguia de ouro » » — 48.
C. REGAZOLI
Moralidade da imprensa — 7, 9 e 13.
CABRION
Receitas culinarias — 31, 32, 33, 34, 39 e 40.
CAMILLO DE ASSIS
Sultana (*Collaboração*) — 32.
CANTER
Sport — 37 e 39.
CATÃO
Poules — 37, 38 e 40.
CATULLE MENDÈS
As tres boas fadas (traducção de R.
Porciuncula) — 26.
A boa doença (traducção de R. Porciun-
cula) — 44.
A caridade recompensada (traducção de
R. Porciuncula) — 47.
O processo das rosas (traducção de R.
Porciuncula) — 50.
CHICO FÉRULA
Bolos — 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 16, 17,
24, 26, 31, 37, 39 e 52.
COELHO DE CARVALHO
Canção de outono — 24.
CYRO DE AZEVEDO
Rabagas — 37,
Fischio, fischio... — 38.

Deus & Filho — 39.
A palavra e o garfo — 40.
Beppa — 43.
O enterro — 46 e 50.
D. PASTEL
Tratos á bola — 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10,
11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23,
25, 26, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40,
41 e 44.
D. PINTO
A convalescente — 9.
D. RUY
Poesia e poetas — 1, 4 e 17.
DIONYSIO TANCREDO
Petit tableau (*Collaboração*) — 22.
DOMINO' PRETO
Revista dos collegas — 6 e 7.
Cochilos — 11.
ELOY, O HEROE
Uma anedocta de Arthur de Oliveira
— 12.
EMILIO ROUÈDE
Dictionnaire artistique — 29.
EMILIO COURTOIS
Os funeraes de V. Hugo. — 28.
EMYGDIO MONTEIRO
Cartas de Lisboa — 33, 34 e 39.
ERNESTO LODI
O lago (soneto) — 14.
EUGENIO DE MAGALHÃES
Duse-Checchi — 29.
F. A.
Um retrato de Bernardelli — 48.
F. C. VASQUES
Duse-Checchi — 29.
FERNANDO CALDEIRA
A vida (soneto) — 15.
FILINTO D'ALMEIDA
Sempre (soneto) — 2.
Resposta do destino (soneto) — 5.
Chora! » — 6.
Maguas » — 9.
Causa ignota » — 10.
Bolos — 18.
Victor Hugo — 22.
O incidente Morel — 23.
O que eu não vejo (soneto) — 24.
Poesia e poetas « Ardentias » — 21.
Eleonora Duse-Checchi — 29.
A Duse-Checchi — 30.
A ilha phantastica (poesia) — 38.
Madrigaes » — 39.
Supplica » — 40.
Madrigaes » — 41.
Silencioso (soneto) — 42.
Sacrificio (poesia) — 44.
Vida nova » — 48.
Novo bem (soneto) — 52.
FILINDAL
Bucolica moderna (Parnaso alegre) — 9.
Historia dos setes dias — 33, 35, 36, 37,
39, 41, 43, 45, 46, 47, 48 e 49.
FILINDAL & COMP.
Historia dos sete dias — 40, 42 e 44.

(*) Os algarismos indicam os numeros d'A Semana em que foram publicados os trabalhos.

FOGLIANI
Eleonora Duse-Cecchi — 29.
FRANCISCO SARCEY
Consellio a jornalistas — 35.
FRANCISCO DE SERPA
Soneto a premio — 48.
FREI ANTONIO
Algumas definições — 5, 6, 7 e 9.
Tratos à bola — 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51 e 52.
G. BELLEGARDE
Manoel de Mello — 4.
GALPI
Gibuk — 36.
O flôr — 41.
GASPAR DA SILVA
A' uma hora da manhã (tradução de Baudelaire) — 10.
Arthur Barreiros — 13, 15 e 16.
GOMES LEAL
O Anti-Christo (excerpto do poema) — 18.
GONZAGA FILHO
Hippodromo — 44.
Seis vocabulos — 45.
Tê, até — 46.
Pudico — 47.
Conselho Canto — 48.
DR. GREGORIO
Algumas definições — 28.
GUERRA JUNQUEIRO
O que é a terra — 14.
O melro (excerpto; poesia) — 38.
GUY DE MAUPASANT
O leito (versão de V. Magalhães) — 32.
H.
Critica scientifica — 6, 10 e 12.
HENRIQUE DE MAGALHÃES
Phalenas e crianças (soneto) — 4.
Recordações " — 12.
Imprecação " — 25.
As aves do templo (poesia) — 27.
Vindicta (tres sonetos em um) — 32.
O crime (dois sonetos) — 42.
A estatua de carne (soneto) — 45.
Ingratidão da terra " — 47.
Syrius (poesia) — 50.
Methamorphozes (dois sonetos; *Parnaso Alegre*) — 51.
Historia dos sete dias (O Natal; poesia) — 52.
HENRIQUE DE SÁ (DR.)
A prostituição no Rio de Janeiro — 4, 6 e 10.
Consulta medica — 8.
HYPOLITO DA SILVA
No Guanabara (soneto) — 27.
IGNOTUS
Traducções litteraes e fóra da letra — 11.
A musica do futuro — 13.
Alfarrabios. Um poema esquecido — 30.
Dr. A. Henriques Leal — 40.
J. DE ALENCAR
O ermitão (*Paginas esquecidas*) — 33.
J. CASTELLO BRANCO
Cantiga (*Paginas esquecidas*) — 41.
J. M. DO AMARAL
Tres sonetos — 40.
J. P.
A nossa mãe (*Collaboração*) — 51.

J. SOULARY
Me, me adsum... (tradução de Lucio de Mendonça) — 41.
JAYME DE SEGUIER
Analyse (soneto, traduzido de Richepin) — 34.
JOÃO DE DEUS
Proverbio de Salomão (poesia) — 39.
JOÃO RIBEIRO
Marinha (poesia) — 10.
Lux et tenebras (soneto) — 16.
JOÃO SARAIVA
Mors sancta (soneto) — 35.
JOÃO SINCERO
Bolos — 38.
JOAQUIM DE ARAUJO
Nunc et semper (soneto) — 26.
Bisavô " — 31.
Ruinas " — 40.
JOSÉ DO EGYPTO
O suicidio em moda — 4.
Historia dos sete dias — 24, 25, 30, 31, 32, 34, 50 e 51.
JOSÉ MARIA PIMENTEL
Victor Hugo (*Collaboração*) — 22.
JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO
As « Meridionaes » (carta a Alberto de Oliveira) — 9.
JOSEPH REINACH
Victor Hugo — 25.
JULIA LOPES
As lagrimas (Illuminuras) — 9.
Os pombos " — 10.
Mutações " — 12.
Sensitiva " — 15.
Os sapatinhos azues (conto infantil) — 19.
Uma ruina (Illuminuras) — 25.
Os morangos (conto infantil) — 27.
A esmola (conto infantil) — 33.
Adeus (Illuminuras) — 37.
Ainda bem — 38.
O sineiro — 41.
Num serão de marinheiros — 43.
A ingratição — 46.
A fada boa (conto infantil) — 52.
JULIO RIBEIRO
Cartas sertanejas — 11.
JULIO VALMOR
Canção de um romantico — .
JULIO VERIM
Um retrato de G. Junqueiro — 13.
L.
O amor (tradução do inglez) poesia — 4.
Os nossos livros — 51.
L. C. FURTADO COELHO
Duse-Cecchi — 24.
L. M. BASTOS
Sport — 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52.
LAURO
O relógio da vida — 29.
LOPES DE MENDONÇA
A Gonçalves Dias — 38.
LORGNON
A vida elegante — 5, 8, 10, 13, 18, 19, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 47, 49 e 51.
LUCINDA F. COELHO
Duse-Cecchi — 29.

LUCIO DE MENDONÇA
O Luz Horas do bom tempo — 1, 2, 3 e 6.
Horas do bom tempo — 10.
Mãe cabocla — 5.
Canção de viagem (poesia) — 10.
A tapera " — 15.
Luiz Barbosa da Silva — 21.
Hugonanas e hugonianas — 25.
Analyse (soneto, traduzido de Richepin) — 34.
Correio litterario — 45, 46, 49, 51 e 52.
Viver às claras — 50.
LUIZ DELFINO
A sahida (soneto) — 1.
Per agros " — 3.
In her book " — 5.
Andorinha que emigra (soneto) — 8.
Epilogo das Aspasiae " — 11.
Num carro de bois " — 13.
Libido " — 20.
Victor Hugo — 22.
Idylho no bosque (poesia) — 25.
Sub parva lucerna (soneto) — 30.
A' arena! excerpto; poesia — 34.
Os funeraes de Achilles (soneto) — 40.
Christo e adultera (excerpto) — 49.
LUIZ J. PEREIRA DA SILVA
Duse-Cecchi — 29.
LUIZ MURAT
O Dr. Theophilo Dias — 1.
Poesia e poetas — 4 e 34.
A republica em Portugal — 6.
Sonho de um louco (soneto) — 7.
Politica moderna — 15 e 16.
Politica e politicos — 17, 29 e 34.
A' Gazeta da Tarde — 18.
Verdades politicas — 19.
O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacion d — 19, 20, 22, 24 e 25.
Confissão (poesia) — 20.
Victor Hugo — 22.
Ray Barbosa (Conferencia abolicionista: Supplemento do n. — 24.
Duse-Cecchi — 24.
Não temas (poesia) — 29.
A' eminente actriz Sra. Eleonora Duse-Cecchi — 31.
Sulus (poesia) — 36.
M. DE A.
Duse-Cecchi — 28.
M. F. LIMA JUNIOR
Morta (*Collaboração*) — 21.
M. V.
A obra de Victor Hugo — 41.
Instrucção Publica — 42.
Alberico, o assassino — 46.
M. ZALINA ROLIM
Yôyô — 36.
MACHADO DE ASSIS
Arthur Barreiros — 8.
DR. MAGALHÃES CASTRO
Victor Hugo — 22.
MARCOS VALENTE
Historia dos sete dias — 28.
O Sr. Visconde de Correia Botelho — 39.
Os nossos livros (*Romances de Delfino*) — 43 e 48.
Os surdos-mudos — 49.
MARIO
O rio, soneto (*Collaboração*) — 31.
MONTEIRO RAMALHO
A' tardinha (nota de viagem) — 19.
Em wagon — 37.
NOVIÇO
Um homem gasto — 21, 22, 23 e 25.

- O. DE NIEMEYER
Instrução publica — 20.
Victor Hugo — 22.
- OLAVO BILAC
Fiat lux! (soneto) — 46.
Nocturno " — 51.
- ORYC
Politica e politicos — 39, 40, 41, 42 e 45.
- P. LABARRIÈRE
Duse-Checchi — 29.
- PANTAGRUEL
Canhenho de um moralista em disponibilidade — 12 e 18.
- PEDRO TALMA
Theatros — 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48 e 51.
- PEDRO VÉRON
O carnaval da Historia — 2, 3, 4, 29 e 35.
- PEFF
Beijos sem perigo (poesia) — 30.
Equivocou-se " — 32.
- PETIT-PITT
Politica e politicos — 7, 8, 10, 12, 28, 30, 35, 36 e 38.
- PIFF
Em passeio conduz a ver as feras... — 29.
- PIFF-PEFF
Herança (poesia) — 33.
- R. MONIZ
Confronto (soneto) — 49.
- R. PORCIUNCULA
Duse-Checchi — 29.
- RALPHO
Certa viuva moça, luzidia... — 29.
- RAUL POMPEIA
Canções sem metro (Rugidos do mar) — 21.
- RAYMUNDO CORRÊA
Banzo (soneto) — 2.
Lodo e estrellas (poesia) — 12.
A Luiz Delfino (soneto) — 16.
Mysantropo " — 26.
- REVOCATA H. DE MELLO
A... (Collaboração) — 33.
- RICHEPIN
Analyse (soneto) — 34.
- RODRIGO OCTAVIO
Intimo, soneto (Collaboração) — 47.
- SAHEN (DR.)
Critica scientifica — 39, 41, 44, 46 e 50.
Conselhos salutaes — 41, 42, 44 e 49.
- SANTOS BEMVINDO
Decepção (Collaboração) — 36.
- SATANAZ DA SILVA
Pitadas ecclesiasticas — 2, 3 e 6.
- SOARES DE SOUZA JUNIOR
Ave Maria (soneto) — 6.
Trilogia da vida (poesia) — 30.
Olhar de minha mãe (soneto) — 32.
Os bebês (poesia) — 52.
- SULLY PROUDHOMME
No collegio; poesia (tradução de Valentim Magalhães) — 45.
- T. DIAS
Antonio Gonçalves Dias, — 38.
- TEIXEIRA BASTOS
Poetas brasileiros (V. Magalhães) — 25.
- THEODORO DE BANVILLE
O bom Deus (tradução de V. Magalhães) — 3.
Os sete pecados mortaes (tradução de V. Magalhães) — 12 e 13.
Ernesto Renan (tradução de Alfredo de Souza) — 19.
Michelet (tradução de Alfredo de Souza) — 19.
Victor Hugo (tradução de Alfredo de Souza) — 22.
- THOMAZ RIBEIRO
Até quando? (poesia) — 44.
- TOB
Politica e politicos — 31, 32 e 33.
- U. D.
Os dois leitões — 35.
- UDO
Poesia e poetas — 5, 6 e 9.
- URBANO DUARTE
Poesia e poetas (As opalas) — 3.
O anonymo na Imprensa — 27.
Duse-Checchi — 29.
- V. M.
Lingua vernacula — 25.
- V. R.
Aurelio de Figueiredo — 49.
- VALENTIM DA COSTA
A primeira lagrima (soneto) — 14.
- VALENTIM MAGALHÃES
Ainda o Pachiderme — 8.
Julio Ribeiro — 11.
A cabeça do engraxate — 13 e 15.
Historia dos sete dias — 21.
Novo sol (poesia) — 22.
Luiz Delfino — 23.
O padre-mestre Belmonte — 24.
Uma victima do Centro Positivista Supplemento do n. 24 e n. 26.
Noites eternas — 26.
Historia dos sete dias — 27.
Duse-Checchi — 29.
Poesia e poetas (A Musa Moderna) — 29.
Dadiva (poesia) — 35.
Adeus á Duse-Checchi — 38.
Um casamento feliz — 43.
As férias — 49.
Um suicida de 13 annos — 50 e 51.
Objecto de amor — 52.
- X.
Salva! Salva! — 1.
- YLANG-LANG
O Brazil e os brasileiros — 30, 32, 6 e 39.
- ZÉCA
Galeria jornalística (Chrispiniano) — 17.
" " (Dermeval da Fonseca) — 20.
Galeria jornalística (Ferreira de Araujo) — 24.
Galeria jornalística (Mudson do Povo) — 29.
- ...
Mattos, Malta ou Matta? — 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17 e 19.
- NÃO ASSIGNADOS
A Herança de 1884 — 1.
O humerus do Malta — 1.
Policia da Corte — 2.
Aos caloteiros — 51.
Arthur Barreiros — 8.
Cancioneiro dos ciganos — 17.
Carnaval — 8.
Critica scientifica — 2.
D. Fernando — 51.
Georges Ohnet — 31.
Historia dos sete dias — 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 26.
O Correio Geral — 5.
Pedro Americo — 15.
Roubo escandaloso — 37.
Terremotos — 9.
Theatros — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 40.
Thomaz Driendl — 18.

N. B. Deixámos de incluir neste indice os artigos de pouca importancia, noticias etc.

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDAÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO:

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

« A Semana. » — A herança do 1884. — O humerus do Malta. — Policia da Corte. — O dr. Theophilo Dias. — Horas do bom tempo. — Lucio de Mendonça. — Salva! Salva! — A sahida, soneto, Luiz Delfino. — Mattos, Malta ou Matia? — Poesia e poetas, D. Ruy. — Cofre das graças. — Bibiano. — Theatros. — Recebemos. — Tratos á bóla, D. Pastel. — Declarações. — Annuncios. — Noticias esparsas.

A SEMANA

Rio, 3 de janeiro de 1885.

Dissemos nos prospectos com que annunciámos a criação d'esta folha: « A Semana constitue uma novidade para o publico. » E acreditamos não haveremos enganado o publico.

As razões que tínhamos e temos para pensar que *A Semana* é uma novidade são as seguintes, apontadas nos prospectos:

Não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, terá, no entanto, o caracter de um jornal diário.

O seu fim unico será este: — fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso terá secções em que se occupará com tudo quanto tenha sido feito na semana em sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfatoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tiverem realisado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, aceitará *A Semana* qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha. A primeira das condições para a acceptação d'esses trabalhos será a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exigir-se-ha que os originaes tragam a assignatura authentica do autor.

Os Srs. assignantes terão vantagens que até hoje não têm sido proporcionadas por nenhum periodico; taes como:

— Os Srs. assignantes receberão a folha antes de ser posta á venda.

— Terão direito á inserção gratuita

de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas uma vez por mez.

— Além d'isso, e é esta a principal vantagem, tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultár a folha, por carta assignada, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia, juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, obrigando-se a redacção a responder-lhe por carta nos casos de urgencia e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. *A Semana* é o primeiro jornal que o apresenta, no Brazil.

Terão igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim, que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis, sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

Por esta fórma terá *A Semana* perfeito character de folha diaria, interessada directamente e continuamente na vida commum, sob todas as suas faces e modalidades.

Reunindo as vantagens e qualidades de folha diaria ás da revista, — e sem apresentar muitos dos inconvenientes e defeitos proprios quer d'esta, quer d'aquella — acreditamos sinceramente que *A Semana*, se não vem preencher uma lacuna, pelo menos encontrará vasio um logarzinho, em que se accommode, na imprensa da capital.

Queremos crer que a lotação do *bond* do jornalismo ainda não está completa, e que *A Semana* não ha de ser repellida por não haver nelle mais logar occupavel.

Se laboramos em erro dil-o-á o Publico. *conductor* benevolo, mas inilludivel, que, ao envez dos outros, recebe passageiros, mas não recebe passagens. Ao contrario: — paga-as; — quando os passageiros lhe agradam — está bem visto.

Cumpriremos o que promettemos e se mais não promettemos é porque quem muito promete pouco cumpre.

E não queremos faltar ás promessas feitas.

São redactores effectivos d'*A Semana*, encarregados de secções fixas — as quaes não apparecem todas n'este numero por ser o primeiro e por isso faltar-lhes assumpto — os Srs. Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, Filinto de Almeida, Luiz Murat, Dr. Pedro Americo, Urbano Duarte e Valentim Magalhães.

Quanto á collaboração — será representada pelos nomes mais conhecidos e respeitadas nas letras e nas sciencias. Declinal-os seria estender inutilmente uma lista enorme, além do inconveniente de impedir a surpresa de encontral-os, assignando os seus interessantes e valiosos trabalhos.

Apresentado por essa fórma o seu *passé* ao *conductor*, tem *A Semana* a subida honra de comprimentar os seus collegas de *bond* e de lhes pedir um logar entre elles, para em tão amavel companhia e com o mesmo destino fazer a mesma viagem — se não ficar no caminho; *quod Deus avertat!*

Depois de exhibido o *passé*, feitos os cumprimentos e derramado o latim do estylo, queira o respeitavel *conductor* tocar a campainha: — Siga o *bond!*

E dê-nos Deus boa viagem!

A HERANÇA DO 1884

As eleições — O caso Malta

Ao recém-nato e gentil filhinho do misero e velho anno que ha algumas horas « bateu a bóta » é mister informar acerca dos bens que, como legitimo herdeiro, vae receber de seu paes.

Não é pequeno o espolio. Mas o inventario, a que neste julzo de orphãos se vae proceder, mostrará que os bens deixados são de difficil liquidação, sobre serem de pessima qualidade. Vejamos:

— *Eleições geraes*. D'estes bens só provieram males ao fallecido. E passamos ao seu herdeiro em tal estado que melhor fóra, se possivel fosse, consideral-os bens do evento e dal-os... ao diabo. Alem

do cacete, da garrucha, da faca, do revolver e da cabeçada da *flôr da gentia*, que abrilhantaram notavelmente essas eleições, tivemos as duplicatas; de forma que, além de enlameados e ensanguentados, saem os « augustos e dignissimos » das respectivas urnas—aos pares, como os frades. Cada junta apuradora diplomou dois candidatos:—um reconhecido pela maioria, outro pela minoria dos membros da junta. Resultado final: em vez de 125 deputados—o que já não era pequena calamidade, teremos 250;—o que será simplesmente um caso para suicídio geral. Oh! antes uma sogra do que 250 deputados!...

O innocente pimpolho recebe esses bens com a obrigação de concluir a sua liquidação no segundo esrutinio. E será isso a sua primeira infelicidade. O segundo esrutinio que se realizará amanhã—ainda que chova — não será uma *errata* das falcaturas e desmandos do primeiro; mas sim—queira Deus que nos enganemos!—segunda edição augmentada e mais incorrecta dos ditos desmandos e falcaturas.

Ninguem sabe ao certo o que esperar das urnas n'este segundo parto, quanto aos filhotes que devem dar á luz. Apenas o que todos esperam é—cacete.

Prepare-se, portanto, o menino para *dansar*—com musica de pancadaria.

Não temos tempo de inventariar todos os bens do espolio.

Por isso, sem mesmo nos occuparmos com alguns dos mais importantes, como sejam—a questão do elemento servil, o assassinato dos escravos na cadeia do Rio Bonito, a questão das Missões e a possível guerra com os nossos *valientes* ex-aliados, e outros bens de não menor monta, falaremos unicamente da mais grave, mais intrincada e mais recente das contas a liquidar:

— *O caso Castro Malta*. Vae ter muito que fazer com elle o joven 1885. Está obscurissima esta questão; ainda mais obscura tendo ficado com os resultados do ultimo inquerito feito na policia pelo ex-terceiro delegado, por ordem do ex-chefe.

Nelle depuseram quatro testemunhas:—Antonio de Andrade Pessôa, o companheiro de passeio e prisão de Castro Malta, e mais tres empregados da policia:—o administrador do deposito policial, o seu ajudante e um official do expediente da policia.

Estas tres ultimas pessoas são naturalmente suspeitas; quanto á primeira—o Pessôa, esta tornou-se suspeita pelas seguintes razões:

Havendo sido preso com Castro Malta na noite de 16 de novembro, não foi ouvido nem lembrado nos primeiros inqueritos e d'elle ninguem sabia que fôra feito.

Um bello dia, o *Jornal do Commercio*, depois de haver negado a violação da sepultura de Malta, lembrou que se inquirisse um certo Antonio de Andrade Pessôa, que fôra preso com Castro

Malta na noite de 16. E nesse mesmo dia—que coincidência!—era inquirido Andrade Pessôa na policia! Depois de haver deposto, e isto é o mais interessante, veio Pessôa cá para fóra contar a todo o mundo a mesma historia e especialmente ás redacções das folhas, ás quaes expontaneamente se apresentou.

Isto não é natural. Andrade Pessôa, que, sabendo de toda a verdade, sómente depois de ella estar bem obscurecida, e muito tarde, é interrogado a respeito; que em seguida vem contar a historia a quem quer ouvil-a e que se apresenta ás folhas sem que estas o chamem—é suspeito; não merece fé. É possível que este Sr. Andrade seja excellente pessoa, mas o que parece certo é que é Pessôa... da policia.

Pelo ultimo inquerito parece provado que Castro Malta não morreu victima de violencias, dos rigores do reflexo; mas sim á mingua de recursos medicos, por absoluta falta de tratamento. Attestam-n'o todos os depoentes, inclusive o administrador do deposito que declarou que sabia que Malta estava doente e que isso participou ao ex-1.º delegado por um empregado inferior e por um—barbante! Mas parece que tanto o barbante como o empregado têm fraca memoria, e por isso perdeu-se a participação. Dêmos, todavia, por demonstrado e certo que Malta morreu de morte natural á falta de recursos e tratamento. E nem por isso ficará innocenta a policia; muito pelo contrario.

O novo chefe tomará seguramente a devida conta a gravissima confissão d'esses empregados da policia: que sabiam que Malta estava gravemente enfermo e nada fizeram por elle e o abandonaram inteiramente á sua molestia.

Bem. Mas a que enfermidade succumbiu elle?

A congestão hepatica, como attestou o Dr. Autran?

Não é possível, porque o exame do cadaver, apresentado como o de Malta, mostrou que elle fallecera de uma pleurisia dupla suppurada.

— Então, succumbiu a uma pleurisia dupla suppurada. Mas tambem não é possível porque todos os medicos,—e os mais illustres já o declararam,— são concordes em affirmar que um individuo affectado de tal enfermidade, nos oito dias anteriores á morte é obrigado a guardar o leito, ou, se o abandona, difficilmente caminhará, soffrerá muito de suffocações e dores etc., e que, portanto, não pode absolutamente, dois ou tres dias antes da morte, andar na pandega, em troça, pelas tavernas. Ora, quando Malta foi recolhido não se queixava de nenhum incommodo, tinha até « boa apparencia », disseram-o todas as testemunhas; ainda no dia 17 comeu, e apenas na tarde d'esse dia mostrou-se triste; e perguntando-lhe Pessôa o que sentia, respondeu que estava um pouco incommodado (*sic*). (Vide depoimento de Andrade Pessôa.) Consequentemente, não

foi de pleurisia dupla suppurada que Malta falleceu. Logo:—o cadaver apresentado não é o de Castro Malta. Onde está então o cadaver de Castro Malta?

Se elle de facto succumbiu á enfermidade, e não a violencias e refladas, porque sonegaram e substituíram o seu corpo?

Com que interesse? Para que fim?

Este é o ponto principal da questão e que não póde ser esquecido ou prejudicado nem mesmo pelo parecer dos peritos, no caso em que declarem haver encontrado vestigios da fractura no collo cirurgico do *humerus* do braço do cadaver.

Eis o estado em que o 1885 recebe esta questão, aggravada ainda pelo incidente gravissimo da violação da sepultura e profanação dos cadaveres.

Triste herança! Funebres e dolorosos legados!

Que a liquide da melhor maneira—o anno novo e, que nol-a faça esquecer, apagando-lhe a memoria sob a impressão de grandes prazeres e de venturas sem fim.

E' talvez o impossivel que pedimos ao herdeiro do fallecido 1884; mas nem mesmo no pedir devemos mostrar-nos pobres.

O humerus do Malta

Sabemos que a comissão de peritos, nomeada pelo Sr. conselheiro Jaguaribe para dar parecer sobre a fractura de um dos *humerus* do supposto cadaver de Castro Malta, não chegou a nenhum resultado definitivo, em consequencia de haver encontrado grandes difficuldades no exame do osso. O adeantado estado de putrefacção em que estava o cadaver escurecen demasiadamente o *humerus*, de fórma a tornar necessaria uma longa maceração e outros meios de clarifical-o, meios esses que demandam muito tempo.

O que nos faz crêr que não seja sufficiente o praso concedido, vendo-se a comissão obrigada a pedir prorrogação d'elle.

POLICIA DA CORTE

O novo chefe

Depois de não pequenas difficuldades, encontrou-se afinal um substituto para o Sr. Dr. Tito de Mattos.

Por decreto de 31 do passado foi nomeado chefe de policia da corte — o Dr. José Antonio Gomes.

O estado lastimavel em que aquelle senhor deixara o cargo que ultimamente não soubera conservar na altura do respeito e dignidade que lhe são proprias; as causas da sua exoneração, as numerosas e graves difficuldades a vencer para restituir á instituição o perdido prestigio; e, mais do que tudo isso, a asferrima e temerosa obrigação de resolver a questão Castro Malta, deixada pelo Sr. Dr. Tito e pelos seus delegados quasi insolúvel

tornaram de difficillimo préenchimento o cargo de chefe de policia da côrte.

Havia ainda uma outra razão para afugentar candidatos e tornar « presente grego » o offerecimento do cargo.

E essa razão é que a vida do ministerio Dantas e a propria vida da situação considera-se infelizmente em perigo, e não são poucos os augures que prophetisam para Março um trambolhão mortal.

Nestas condições era difficil achar quem acceitasse o bastão. Faltava confiança no patrão da canôa, e portanto, n'ella embarcar seria correr os riscos de provavel naufragio.

A vontade dos mais bem dispostos arrefecia diante da perspectiva de ser chefe de policia por dous ou tres mezes.

O Sr. Dr. José Antonio Gomes serviu *interinamente* igual cargo em Nictheroy, unicamente para satisfazer deveres de partidario e de amigo, e o seu desejo, como é sabido, era voltar a assumir a jurisdicção da comarca de Araruama, de que é primeiro magistrado, e da qual havia sido chamado por inesperado telegramma a substituir o Dr. Monteiro de Azevedo na chefia de policia de Nictheroy.

Como conseguiram fazel-o acceitar a da côrte é o que não sabemos, mas o conhecimento que temos das anteriores circumstancias e do caracter do Dr. Gomes, levam-nos a crer que elle acceitou o logar em condições taes e com taes garantias que se pode com segurança dizer, como os nossos collegas da *Folha Nova*: — Temos homem! Ultimamente deu o Dr. Gomes irrecusavel prova da sua rectidão, da sua independencia de caracter e da inflexibilidade da sua justiça na maneira porque procedeu no *incidente* do Rio Bonito.

Apenas soube que havia sido atacada e arrombada a cadeia e *lynchados* os tres escravos accusados do assassinato do fazendeiro Martins Portella, partiu para lá, e, apenas chegado, abriu rigoroso inquerito sobre os auctores d'esse monstruoso crime.

Ao contrario do que sempre acontece, esse inquerito produziu resultados sérios.

Tal energia e tanto zelo empenhou o illustre magistrado na indagação da verdade, que fez prender varios auctores do assassinato, pessoas de *gravata lavada*, como se costuma dizer, e de consideração na localidade.

O assalto e a morte dos negros foram planejados e levados a effeito por fazendeiros, dos municipios do Rio Bonito e Saquarema e principalmente por pessoas aparentadas com o fallecido Portella ou d'elle dependentes.

Mais tarde revelaremos toda a historia d'este crime, que é interessantissima.

Por agora referimo-nos a ella simplesmente para pôr em relevo a importancia do que fez o Dr. Gomes, prendendo e processando os auctores do crime que joudé descobrir. Ao seu substituto resta

completar a sua obra, tão brillantemente iniciada.

Consta-nos que o procedimento do Dr. Gomes n'essa questão agradou summamente ao *Altissimo*, o que faz presumir fosse Este quem o indicasse para substituir o Dr. Tito de Mattos.

Fosse porém como fosse, o que é certo é que o novo chefe reúne todas as qualidades e requisitos para pôr em pratos limpos a malfadada e vergonhosa questão Malta e para, senão restituir á policia tudo o que esta perdeu com ella, ao menos collocal-a em posição tal que infunda esperanças de jamais se reproduzirem semelhantes desmandos e vergonhas. Sabemos que S. Ex., para começar, prepara algumas demissões de importantes funcionarios policiaes.

Ao terminarmos, complimentando-o com o acatamento e sympathia que nos merece, permittirá S. Ex. que lhe digamos francamente que jogou perigosissima cartada acceitando a chefia de policia da côrte, e cartada da qual vão depender a respeitabilidade do seu nome e a segurança do seu futuro:—Ou S. Ex. resolve a tenebrosa charada Castro Malta, dando contas ao publico d'esse rosario de obscuros delictos e punindo os culpados, ou S. Ex. desmoralisa-se, perde-se no conceito publico, inutilisa-se.

E' este o dilemma.

Antonio de Andrade Pessoa, o companheiro de prisão de Castro Malta, declarou no seu depoimento que na noute a que seguiu-se a prisão, elles andaram bebendo e passeando em companhia de um terceiro individuo, de nome João de tal, cuja morada disse ignorar. Parece-nos que seria de grande interesse descobrir esse tal João e inquirir-o rigorosamente sobre tudo quanto diga respeito a esta malfadada questão.

Não será difficil descobri-lo desde que a policia o queira.

Tambem não seria mau dar noticias d'aquelle urbano que no cemiterio, por occasião da segunda exhumação, declarou á vista de nuitas pessoas ter sido elle um dos que prenderam Malta e que ainda tinha em casa o reflexo com que o feriu nas pernas.

Estamos certos de que S. Ex. o Sr. chefe de policia liquidará todos esses pontos bem como não deixará no olvido a violação da sepultura, de que talvez saibam alguma cousa o Sr. inspector e mais empregados do cemiterio do Cajú.

Com honradez, independencia e zelo tudo poderá S. Ex. conseguir.

O dr. Theophilo Dias

O Sr. Alberto Torres — um distincto academico — no dia 20 do corrente, pelo *Diario Mercantil*, de S. Paulo, provocou uma explicação da parte do Sr. Dr. Theophilo Dias, pelo facto de ter elle assumido a redacção da *Gazeta Liberal*, orgão official d'esse partido n'aquella provincia.

Os republicanos esperam que o Sr. Dr. Theophilo Dias venha desfazer, sem demora, as desconfianças que pairam sobre S. S. e ao mesmo tempo dizer aos seus adversarios politicos, que a democracia não é a resultante de uma hallucinação demagogica, mas sim um facto cujas raizes se aprofundam na propria natureza humana e cujas manifestações se reconhecerão facilmente depois de um simples estudo sobre o conjunto historico das sociedades.

Esperamos, pois, uma explicação de S. S.

Porque de duas uma: ou o Sr. Dr. Theophilo Dias aclara os pontos obscuros do seu procedimento, e, n'esse caso só tenho que felicitar o partido por ver que é infundado o aserto infamante lançado á consciencia politica do illustre moço, ou S. S. se furta a dar essa explicação, e, n'esse caso, serei forçado a assignalar publicamente mais um exemplo de apostasia e de degenerescencia civica.

LUIZ MURAT.

Rio, Dezembro de 1884.

Acceitam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira.

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro LUIZ DELFINO.

O preço de assignatura para qualque d'esses livros é de

2\$000

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

« O LUZ »

Quanta saudade mal adormecida me vieram despertar os teus *Contos Academicos*! Disse-te na occasião, respondendo á amabilidade de um convite, que d'aquelle grato assumpto havia tambem de escrever depois. Escrevo agora, para a tua *Semana*, bello convivio de espiritos moços, onde não serão muito descabidas estas recordações de rapazes.

Perpetuamente rapaz, o d'estas memorias, o bom, o grande Luz! E' ainda o que era n'aquelle tempo, e o mesmo ha de ser enquanto alegrar com a vida este valle de miseria. Os outros, os que se tornaram sisudos com o peso da vida, podem desdenhar d'elle e fallar da sua eterna estroinice com uma benevolencia de grandes homens; eu hei de admirar-o sempre e muito, e ao endiabrado espirito, fóco de inextinguivel mocidade.

Que é uma lastima grande ver a gravidade postica d'estes rapazes de hontem, só porque chegaram a deputados, a presidentes de provincia ou a ricos.

Pois esses senhores não perebem que qualquer um pôde chegar a tudo isso e a tudo mais? Pois vale a pena, por tão pouco, desmentir um homem a côr do seu cabelo?

Com que consternação, mas sincera, quasi lacrymosa, li, ha mezes, nos entrelinhados do *Jornal do Commercio*, um artigo do Moraes Carneiro (hoje auctor de maximas, Santo Deus!) com protestos de amor e lealdade á lavoura e aos interesses permanentes da sociedade, e com um peso de vinte mil arrobas... de café!

O Moraes Carneiro! o primeiro folhetinista do seu tempo, em S. Paulo! Já tinha ambições, decerto, e mostrava-as; mas tinha tambem espirito — e o mostrava.

Pois lá está agora o homem com o progresso bem entendido, com as considerações de ordem... gothica, com as inspirações da prudencia, com as maximas tabaquentas, com o diabo que o carregue!

E quantos outros, levados para longe da phantasia, na cheia do engrandecimento official!...

Oliveira Bello, presidente de provincia.

Brasílio Machado, o das *Madresilvas*, presidente de provincia.

Affonso Celso Junior, deputado.

Mello e Cunha, ex-deputado provincial e juiz municipal reconduzido.

Alfredo Brandão, juiz municipal com quatriennio e não sei bem se fazendeiro com barriga.

Ludovico, deputado provincial.

Ezequiel Freire, juiz municipal.

Espereidião Eloy, juiz de direito.

Só me falta vêr o Pedro Paulo conselheiro d'Estado, e o Souza, « o nosso calouro », desembargador!

Ah! o bom tempo!... como ficou tão longe!

Viva o Luz, o diabo do Luz, que não conta com a vida!

Não sei porque não lhe ponho o nome todo, porque este, com certeza, não reclamava. como fez comtigo o Souza, de pateta. O Luz sabe quanto bem lhe quero, e que, ao recordar aqui, — n'uma palestra de moços que têm muito gosto e muita honra em continuar a ser moços, emquanto puder ser, — alguns dos fisonhos episodios de sua biographia de estudante, o que mais desejo e procuro é contribuir para que se perpetue, para que chegue, ao menos, a esta geração de mancebos sabios e sérios, a tradição de alegria do nosso bom tempo de S. Paulo.

Mas sempre lhe ajunto mais um nome, e fica sendo Ribeiro da Luz, para a apresentação ao leitor.

De uma vez que, no Lévy, o apresentaram, não sei mais a quem, pelo nome inteiro, o outro, para lhe ser agradável, suggeriu:

— Provavelmente, o seuhor é parente do conselheiro Joaquim Delfino. Este era então ministro da marinha...

— Não! creia que não! reclamou com vivacidade o Luz. E cseusa procurar-me parentes celebres: sou, da familia, o unico homem conhecido.

E isto com uma importância que punha para nada a do ministro da marinha.

Basta por hoje, não? O assumpto é convidativo, mas nem por isso tenho menor obrigação de poupar a paciencia dos teus leitores. E temos tempo.

S. Gonçalo do Sapucahy, dezembro de 1884.

LUCIO DE MENDONÇA.

A SEMANA

Acceita annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2ª cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1ª a linha.

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

SALVA! SALVA!...

I

O leitor deve lembrar-se d'aquella pallida rapariga loura, pallida e loura como uma willis, que costumava passar todos os dias pela rua do Ouvidor entre uma e duas horas da tarde, apoiada meigamente ao braço de um velho magro, de suissas brancas e cartôla preta.

Sim, deve lembrar-se, porque, á sua passagem, levantavam-se exclamações de pasmó e suspiros de amor; e em torno á sua bella cabeça, emmoldurada em um grande chapéu preto — que lembram aquelles versos de um illustre poeta nosso:

« Chapéu preto emplumado; a cabelleira
« Lá dentro, como o sol dentro de um vallo...

Zumbiam em fremitos os desejos, como um bando de abelhas douradas.

O leitor deve lembrar-se della porque com certeza teve a immensa ventura de vel-a, ao menos uma vez, e quem a viu uma vez — jámais pôde esquecel-a.

Celina — era o seu nome.

Um nome do céu!

Um nome que é um suspiro de brisa morrendo em toucas de rosas, que lembra a um tempo um favo de mel e um gemido d'harpa; o nome della — emfim!
Pois bem, Celina...

II

... Está moribunda!

— Sim! Morre, morre — a minha pobre, a minha querida Celina! — exclamava o pae, o respeitavel ancião, para quem a sua filha era a sua alegria, o seu sol, a sua vida, o seu Deus!

A infeliz menina estava tísica.

Uma noute, ao sahir de um baile, em Botafogo, onde valsára loucamente, arrebatada nos braços do seu noivo adorado — porque ella, a pobresinha devia casar-se em breve! — corria uma aragem fria, humida, cortante, vinda do mar. O *dolmann* de Celina estava mal cerrado

sobre o seu collo decotado, offegante e callido ainda do excessso das dansas... Constipou-se.

A' constipação seguiu-se uma bronchite; á bronchite a tuberculose, a grande assassina!

O desespero do pae e do noivo era enorme, indscriptivel!

Avalem-no, se pôdem, os que tiveram a desgraça de vêr uma filha, uma filha unica! — ou uma noiva, loucamente amada, ás tenebrosas portas da morte.

III

Todas as celebridades medicas, todos os clinicos illustres da Côte foram chamados á cabeceira da angelica doente, e todos elles, depois de examinal-a cuidadosamente — retiravam-se tristes e com palavras de consolo — mas sem palavras de esperanza.

Estava perdida a infeliz Celina!

Que restava da sua deslumbrante e rara belleza?

Apenas os seus grandes olhos côr do céu, banhados em luz divina, doces como um perdão e castos como os lyrios.

Os seus olhos e os seus cabellos: — os seus longos cabellos que pareciam de ouro fluido, macios como a paina e cheirosos como um cofre de sandalo de Smyrna.

Entretanto, a divina creatura tinha esperanças, muitas esperanças e sorria alegremente, recostada na *chaise-longue* em frente á janella aberta, por onde entravam os aromas e os cantos e a claridade das bellas manhans de Maio.

Emquanto o pae e o noivo choravam em silencio, occultando o rosto, ella, a misera condemnada, sonhava no seu noivado!

E descrevia jovialmente, com a sua voz acariciante, entrecortada pela tosse — o seu vestido nupcial!...

Era a Morte que, escondendo a fouce, a attrahia perfidamente com os seus dulcissimos cantos de sereia maldicta.

— Salvem-m'al! salvem-m'al! bradavam o pae e o noivo, de mãos postas, aos medicos silenciosos e compungidos.

— Impossivel! — diziam senão os seus labios, que se conservavam mudos — os seus olhos humidos, postos no chão.

IV

Um d'estes dias celebrou-se o casamento de Celina.

Não o leram na *Folha Nova*?

Quem a salvou? — perguntais-me.

A HERVA HOMERIANA, o milagroso especifico contra as affecções pulmonares, que hoje gosa de universal renome. Alguns pacotes bastaram.

— Se minha filha ainda vive, diz agora o venerando ancião, pae de Celina, devo-o a Deus e abaixo de Deus á HERVA HOMERIANA!

X.

A SAHIDA

(SERTANEJAS)

O gallo canta: o ar, qua fremeo, é quente:
Desce rullando pelo valle o vento;
Ha no horizonte os rôlos de uma enchente
Do mar, que invade e doira o firmamento.

Toca a sineta: vem sahindo a gente
Da senzala, n'um jorro somnotentoc
D'pois da reza, a passo largo e lento,
Enchada ao hombro, dous a dous de frente;

Ao eito vão pelo carreiro aberto:
O matto cheira, rumorejão ninhos
No cafezal, de branca flôr colerto.

Ha um grande chilrar de passarinhos...
E emquanto o oscravo vai... segue-o de perto
A risada da luz pelos caminhos.

LUIZ DELFINO.

Mattos, Malta ou Matta?

De um cavalheiro cujo nome occultamos, não só a seu pedido, como porque seria imprudente e talvez mesmo perigoso revelal-o, recebemos uma importantíssima carta, a que damos publicidade porque o seu assumpto se prende intimamente á gravíssima questão — Castro Malta.

E' possível, provavel mesmo, que das obsequiosas informações d'esse cavalheiro resultem novos elementos de convicção que auxiliem o desfecho d'essa questão, concorrendo para descobrir esse tenebroso mysterio, que tanto se empenha a policia em occultar.

Ao nosso amavel informante pedimos desculpa de havermos publicado integralmente a sua carta e que nos remetta sem detença quaesquer informações novas, que por ventura venha a colher.

Eis a carta:

« Sr. redactor da *Semana*.

Posto que apenas ligeiros laços de cortezia liguem as nossas relações, tomo a liberdade de dirigir-me a V. S. porque entendo ser esse o melhor caminho para chegar aos fins a que desejo chegar.

Trata-se de merecer de V. S. um obsequio, cuja realisação, que não lhe custará grande sacrificio, trará no emtanto para este seu criado vantagens incalculáveis, e mais ainda como que o góso do cumprimento de um dever.

O meu desejo é que V. S. dê na sua esperançosa folha uma noticia, uma simples noticia, a respeito de certo facto, insignificante na apparencia, mas em verdade de um grande alcance social e politico. E, para que V. S. possa dar tal noticia com toda a segurança, preciso é que eu falle de outros factos, sobre os quaes não dariá palavra, se imprevisas circumstancias não me obrigassem a similhante coisa.

Em primeiro logar, Sr. redactor, convém lembrar-lhe que eu sou casado; que, se não tenho filhos é porque morreu o unico que me chegou a nascer; e que até hoje tenho desempenhado com toda a rectidão e todo o zelo o modesto emprego que conquisei a concurso na secretaria, em que ainda hontem tive o prazer de encontrar V. S., pedindo informações a respeito de *certa autoridade*, envolvida na grande questão que neste momento preoccupa a população inteira desta vastíssima cidade — A questão Malta.

Além do que fica dito, é publico e notorio que não sou homem de escandalos, que não me embriago, nem ando com francezas e que, em todo o principio do mez, logo ao receber o meu ordenado, pago pontualmente aos meus fornecedores, e guardo o resto do dinheiro para as despezas de bonds e de outras coisas que não admitem credito.

Vê, pois, V. S. que sou homem de bons costumes, que vivo ás claras, como se costuma dizer, e que, por conseguinte, se me acho mettido n'uma questão suspeita e de todo o ponto transcendental, é simplesmente porque assim o quizeram outros, sem que eu, dou-lhe a minha palavra de honra, tenha de modo algum contribuido para isso.

Sr. redactor, disse-lhe já que sou casado, mas ainda não acrescentei que, ha coisa de anno a esta parte, sou o mais desgraçado dos maridos. Ha um anno, que me entrou pela primeira vez no cerebro o demonio da desconfiança a respeito das virtudes de minha mulher, e desde então a esta data não consigo um momento de repouso.

Imagine V. S. que eu, uma tarde, por signal que era sabbado, entrando em casa um pouco mais cedo do que de costume, encontrei minha mulher escondida debaixo da escada, entre uma barrica vazia e um colchão que servia ás vezes para algum amigo que porventura pernoitasse connosco.

Perguntei-lhe que fazia alli; ella, em vez de responder, abriu a chorar, e escondeu o rosto.

Já bastante intrigado com a brincadeira, puxo-a pelo braço e observei o logar deixado por ella, a ver se descobria a explicação daquelle facto estranho.

A principio nada encontrei, além da barrica vazia e do colchão; mas empurrando este com o pé, dei com um numero da *Gazeta de Noticias*, para o qual não teria attentado, se minha mulher não soltára um grito, justamente na occasião em que eu o tomára com avidéz.

Eu, porém, sem lhe dar tempo a arrancar-me das mãos a folha, ganho o meu quarto de carreira, fecho-me por dentro, dando duas voltas á fechadura.

Era isso mesmo todavia o que desejava e o que conseguira a espertalhona, porque, segundo fui mais tarde informado, ella, em bem não me vio fugir com a *Gazeta*, tornou logo ao ponto em que a encontrei e, rebuscando com a mão por detraz da barrica, d'ahi saccou um objecto e com elle fugio para o porão da casa.

Esse objecto, vim depois a descobrir, era um pequeno cofre de madeira preta com embutidos de metal amarello, contendo o que ainda não sei.

Minha mulher, em seguida a esse facto, principiou a não me querer encarar de frente e a evitar commigo a menor troca de palavras. Enterrava-se no quarto das seis ás seis, e, se eu a outra qualquer hora tentava chamal-a a mim, escondia a cabeça nos travesseiros e punha-se a soluçar, que era uma coisa por demais.

Aborrecido, triste, completamente desarticulado dos meus habitos, deixava-me então ficar pelos cantos, a seismar, a enfiar cachimbadas, sempre em busca de descobrir a ponta daquelle mysterio, que já me tirava regularmente o somno e o appetite.

E minha mulher — nada de desembuchar. A principio lancei mão da violencia: ameacei-a com os punhos cerrados, fallei no meu revolver de seis tiros; depois — empreguei meios brandos: fiz-me terno, pedi, choramiguei; em seguida — recorri á astucia: armei ciladas, fiz planos, espiei pelas fechaduras, andei na ponta dos pes, apalpei as trevas e procurei agarrar um gesto dos seus, um sorriso, ou uma d'essas palavras indiscretas que ás vezes nos escapam na inconsciencia do sonho. Mas tudo isso foi inutil; tudo isso foi trabalho perdido. Cresciam as duvidas e com ellas o meu padecer e as minhas tristezas.

Então, meu consolo unico era um papagaio que ella trouxera quando nos casámos. Mas, ai, esse mesmo, desde que a dona se enterrára no quarto, estava quasi tão triste como eu e não queria dar á lingua, nem á mão de Deus Padre.

Afinal, um dia, quando, de furioso que estava, até já me dispunha a torcer-lhe o pescoco, o pobre bicho encrespou as pennas da nuca, fechou voluptuosamente os olhos, abriu de leve as azas e disse, como quem suspira:

« João Alves! »

Eu voltei-me para elle o mais ligeiro que é possível: — Heim?! Como?! Falla, falla, minha rosa! Peço-te por amor de Deus que falles! Vamos! Quem passa, meu loiro?...

Mas o maldito abaixou a cabeça, e calou o bico por uma vez.

Entretanto, aquellas duas palavras que lhe escaparam, aquelle nome, eram já

um indício, uma descoberta, um ponto de partida. Si o papagaio as pronunciará tão bem, era sem duvida porque de muito se havia familiarizado com ellas.

Ora, eu nunca levára á casa nenhum João Alves; pela visinhança tambem não me constava que houvesse gente com esse nome... de quem pois o ouvira o papagaio?...

Esta era a minha questão; este era o meu ponto de partida.

Mas, que noites, Sr. Redactor! que noites passei eu a pensar n'aquellas duas palavras!... Quantas e quantas suspeitas não me passaram pela mente. Ah! Só pode comprehender o peso de uma duvida d'essa ordem quem como eu a carregou nos hombros por tantos dias.

« João Alves! João Alves! » Estas duas palayrinhas cosiam-me os miolos, como se uma fosse a agulha e a outra o fio!

Uma noite surpreendi-me defronte de minha mulher, a berrar-lhe contra o rosto:

« Tu me has de dizer quem é o João Alves! ou eu te beberei até a ultima gotta de sangue! »

Minha mulher soltou um grito e cahio de costas na cama, sem sentidos. Corri á dispensa em busca do vinagre; mas, de atrapalhado que estava, demore-me um pouco a encontrar o galleiteiro e, quando volto ao quarto, já não achei ninguém.

Percorro toda a casa, revisto os moveis, os cantos, o quintal, o porão — nada! A perfida havia-se escapado pela porta da coziuha.

Salii, fui á venda pedir informações; indago pela visinhança, e só no dia seguinte descubro que a miseravel fugira com um tal João Alves que ha muito a convidava para isso.

— Ah! O papagaio tinha razão!

Armei-me, passei a noite a fariscar-lhes a pista. Pela manhã, depois de quebrar a cabeça em procural-os, vim a saber que os infames estavam refugiados a dous passos de minha casa, n'uma hospedaria que ficava ao canto da rua.

Corri para lá espumando de raiva, metti hombros á porta, entrei; mas os fugitivos já lá não estavam e delles só havia um vestigio importante. Foi um cartão de visita que o amante de minha mulher deixára ficar por esquecimento.

Pois bem, Sr. redactor, nesse cartão estava escripto « Castro Matta. » E estes dous novos nomes, ligados aos que pronunciará o papagaio, aproximam-se muito singularmente do nome por extenso daquelle celebre homem que hoje os jornaes com tanto affincam procuram descobrir. E agora, custe o que custar hei de desencaval-o; não porque me interessem as questões publicas, mas porque esse João Alves de Castro Matta ha de soffrer pelo que me fez.

E' isso, Sr. redactor, o que por ora lhe tenho a communicar e do que, peço, faça uma pequena noticia, escondendo os pontos mais privados desta carta. E, si V. S. quizer ligar o seu esforço ao meu, havemos de dizer ao publico o que foi feito do Malta ou Matta, porque, seguindo as ultimas informações que colhi e que amanhã lhe enviarei, cada vez mais se justificam as minhas suspeitas sobre a identidade do grande patife.

Pelo que eu lhe fôr dizendo, verá V. S. que estou a par de tudo e que os mais culpados nesta questão, não são os que mereceram as maiores accusações da imprensa.

Consola-me a idéa de que, vingando a minha honra ultrajada, vou igualmente prestar um grande serviço á justiça e ao direito.

Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1884.

Sou de V. S.
Att' cr. obr'.,

...

POESIA E POETAS

Especialmente para a Poesia a secção presente. Abrimol-a, como uma janella ao sol, dando entrada ás calhandras de concertado gorgueio, ás patativas e rouxinóes que a Arte abandôa e faz cantar, como uma princeza antiga rodeiada de seus musicos e de seus trovadores.

Chegai!

Ou lyricos e apaixonados, como o aedo da ilha de Têos, ou bellicosos e ardentes como o cantor semi-deus de Troya vencida. — bardos e cytharedos, com a lyra de marfim ou a trombeta de bronze, com a grinalda de rosas ou a corda de heliocrisos:

Chegai!

Victoriosos de hontem, adestrados na tectura do instrumento querido, aqui tereis redobrados applausos; inexperientes de hoje, indecisos e vacillantes, a vós — o conselho opportuno, a palavra amiga, que não reprehende senão pelo bem, e é sempre oriente onde ha ainda a hesitação e a incerteza.

A *Evangelina* de Longfellow! eis a nossa primeira visita.

Trouxe-a pela mão um poeta de raça, o Sr. Americo Lobo, arrancando-a ás florestas do norte do Novo Mundo, onde a havia emoldurado o gigantesco symomoro da poesia n'aquella America.

Não é esta a primeira transplantação que se faz para o nosso idioma d'esse poema, em cujas estrophes ha a *magna vox* do deserto, os rythmos e symphonias rumorejadas pelas harpas selvagens das araucarias, nas proximidades da noite.

Outras conheço, bellas, sem duvida, devidamente applaudidas, talvez mais opulentadas na phrase, talvez mais fleis; eu, no entanto, a opinar, decido-me por esta, e fico que não estarei sósinho no meu julgamento.

E' que acho aqui mais do poeta, da natureza que elle tão bem soube trasladar para os seus cantos, vendo-a, ouvindo-a, estudando-a nos seus mysterios, de intimidade com ella, aspirando-a no embalsamado da sua flora vertiginosa, sentindo-a, e estremecendo. á deflagração dos seus poentes de purpura, ao romper dos seus luares de uma transparencia hyalina, ao passar dos seus monstros, dos seus bisões, das suas manadas de bufalos.

Entre nós parece-me o alexandrino o unico verso capaz de resistir n'uma traducção ao grande sopro que atravessa a poesia de Longfellow, e bem avisado andou o Sr. Americo Lobo, empregando-o de preferencia a outro qualquer. Nem se comprehenderia a cega loucura de alguém que empreliendesse vasar o oceano n'um copo d'agua. O alexandrino supporta-o: estende-se, e a tormenta pôde á vontade bramir-lhe no bojo.

Ainda assim, com tão apropriada medida, sobra muito da estatnra do deus, largas partes ficam sepultas na sombra, invisiveis, desconhecidas, porque os gran-

des poetas nunca passam inteiros n'uma traducção, em que pese aos que comom ás vezes quasi toda a existencia estudando-os e interpretando-os.

N'este sentido é uma obra incompleta a que ora julgamos, e sel-o-lião todas cujo objectivo fôr este. Resta, porém, o esforço, a boa vontade com que ella foi operada, e é n'este ponto que ao seu auctor enviamos o nosso applauso sincero.

Ha mais de uma incorrecção, mais de um verso frouxo, de um verso duro ou pouco fluente no seu trabalho, é verdade; mas a parte sadia avulta, e é já o bastante para a apresentação do poeta e do artista.

D. RUY.

Foram nomeados hontem delegados de policia da-côrte os Exms. Sr. Dr. Pedro Augusto de Moura Carijó, que já desempenhou igual cargo em Barra Mansa, e o Sr. Dr. Cyro de Azevedo, promotor publico do Rio Bonito.

COFRE DAS GRAÇAS

Um illustre homem de letras manda a um filho arrumar-lhe a livraria, dispondo os volumes na ordem das materias respectivas.

O rapaz começa o trabalho, mas esbarra logo em principio com uma difficuldade: — não sabe como conhecer os livros que tratam de philosophia. E, muito atrapalhado, vae consultar o pae.

— E' simples, meu filho, o meio de conheceres e distinguires os livros de philosophia. Olha: — pegas em um volume ao acaso; abres, lês algumas linhas. Se não entenderes nada, já sabes: — é philosophia.

×

Em uma roda de rapazes, no jardim do theatro Sant'Anna:

— Então o Rodolpho continúa a viver com a Mathilde?... (A Mathilde é uma velha *cocotte* que passava n'aquelle momento).

— Ora, *c'est une collage!*

— Mas que diabo lhe ensinará a Mathilde? A arte de amar?

— Qual!... A arte de ser avô.

×

Um estudante de nome Pompeia foi uma vez reprovado em allemão; o que fez exclamar ao seu teutonico professor:

— Tiapo! Bombeia domou pompa!

BIBIANO.

THEATROS

A semana que hoje finda foi pobrissima de acontecimentos theatraes. Nem uma peça nova.

O Sant'Anna remontou o *Barba Azul* para reentrada da Sra. Herminia e, felizmente, annuncia outra reentrada... e outro remonte: reentrada da Sra. Rose Méryss, e remonte do *Boccacio*. D'esta vez a empresa mandou pôr em letras grandes o nome da distincta actriz cantora, e dispensou-lhe aquelle adjectivo. O publico deve lembrar-se que o Sr. Heller allegou ha tempos que a Sra. Rose Méryss despedira-se por que elle fôra parco em adjectivos e letras grandes. Se foi verdadeira a allegação dev-

mos felicitar a reentrante por esta cendencia da empresa ao seu capricho singularmente feminino, áquella dupla vaidadesinha de mulher e de artista.

Emfim, lá estão as letras grandes e o «distincta»; pouco importa que o Sr. Heller esteja tambem com o nariz maior e mais distincto.

No Lucinda não houve peça nova nem remonte; antes pelo contrario. Dá-nos *Os estranguladores de Paris*, drama-lhaço em 5 actos e 7 quadros, que já aqui foi representado ha annos, mas que esta empresa ainda não representára. Abstemo-n's prudentemente de dar opinião sobre a peça, porque isso roubar-nos-hia muito espaço e porque o publico já a conhece sufficientemente. O desempenho que lhe dá o hom pessoal da empresa Torres é satisfactorio e digno de vêr-se.

Este theatro annuncia tambem para breve *Um marido no campo* e os *Mysterios da Inquisição*.

Commetteremos mais a indiscrição de revellar aos nossos leitores que elle vai preparar tambem *O escravo da culpa*, bello drama hespanhol, em tres actos, de uma simplicidade notavel em peça hespanhola e de um assumpto novo e interessantissimo.

O *Recreio* conquistou o bezerro d'ouro com as *Tres mulheres para um marido*, que o publico já conhece muito bem, e prepara com afan a grandiosa e celebre tragedia de Echegaray: — *No seio da morte*. Esta peça foi offerecida e recommendada ao intelligente empresario Dias Braga por S. M. o Imperador, que possui o theatro completo do grande autor hespanhol que ainda ha pouco nos deslumbrou com uma obra prima — *O Gran Galeoto*.

A tragedia, comquanto repellida do theatro moderno pelo advento da escola romantica na litteratura da Europa, é todavia um genero muito apreciavel quando tratada por um talento da ordem de Echegaray. Alem d'isso, o nosso publico tem mostrado preferir as peças violentas, de situações tragicas, lances vehementes, paixões extremas e scenarios deslumbrantes.

Pois *No Seio da Morte*, tem de tudo isso á farta, com a vantagem sobre muitas peças do genero, de ser escripta em formosissimos versos, de metro variado, e estylo fluente e simples, como os sabe fazer o grande mestre da scena hespanhola.

Dos scenarios a empresa encarregou os distinctos artistas Claudio Róssi e Frederico de Barros, o que é o mesmo que dizer-se que havemos de ter obra assejada.

A traducção é feita pelos mesmos traductores do *Gran Galeoto*.

Se no proximo numero da *Semana* houver um pouco de espaço disponível mimosearemos os nossos leitores com um dos meliores trechos do *Seio da Morte*.

PAPELARIA COMMERCIAL

Sortimento completo de objectos de gosto para presentes

OFFICINAS DE TYPOGRAPHIA A VAPOR
60 RUA DOS OURIVES 60

Recebemos:

Dos amaveis papelleiros Guimarães & Ferdinando dons valiosos presentes:

— Um *block-notes* de parede, especialmente feito para a nossa folha, coberto por uma bella estampa, represen-

tando Guttemberg; delicada lembrança que nos penhora; e

— Uma gentilíssima folhinha, para 1885, já se vê, (perdão, *Folha Nova!*) em que se aprecia gentil pastora (não nos referimos á confeitaria do mesmo nome) pastoreando gentis carneiros. Uma gentileza... geral!

AOS SRS. CHEFES DE FAMILIA

IMMINENTE PERIGO DE VIDA!

Com o unico fim de salvar a nossa responsabilidade, prevenimos a todos os consumidores do nosso kerozene inexplosivo denominado SALVA VIDAS E PROPRIEDADES, privilegiado e premiado com o diploma de honra, pela secção de Salvação Publica na Exposição Scientifica de 1884, a maior cautela e toda a attenção para algumas imitações na côr, cuja fraude e falsificações têm se espalhado, principalmente nos arrabaldes, o que, além da infracção bem definida de nosso privilegio, constitue um grande perigo de vida em todas as casas que, por ignorancia, forem illudidas em sua boa fé, em usarem semelhantes mystificações perigosas.

Todas as caixas do nosso kerozene, além da indicação do nosso deposito geral e nossa firma, tem em letras bem visiveis SALVA VIDAS E PROPRIEDADES.

As latas, além da nossa marca registrada na Junta Commercial, têm a nossa firma de chancellaria.

CORAL & CARDOSO.

Rio de Janeiro.

TRATOS Á BOLA

Quizcramos, excellentissimas senhoras, dedicar-vos esta secção; mas... o sexo opposto ao vosso, o qual se faz representar por uns bigodes e cigarro á bocca, poderia se amofinar, e, declaramos aqui, sem medo da policia: não temos muito desejo de nos metter em allhadas.

Por tanto:—Charadistas de ambos os sexos, é vossa, inteiramente vossa, esta secção.

Quem ao nosso escriptorio vier em primeiro lugar, munido de decifrações exactas, terá (vale a penna dar tratos á bola) uma assignatura gratis d'*A Semana*, por um semestre; quem vier em segundo receberá as *Meridionaes* de Alberto de Oliveira — um livro de versos que bem merece ser lido, relido e decorado; finalmente quem em terceiro lugar nos trouxer suas decifrações ganhará (oh! tentação! oh sorte!) o decimo n. 851 da loteria da côrte que se ha de extrahir quarta-feira, 7 do corrente.

Eil-as:

DECAPITADA

No exame não tenho vontade de—; eu lá não quero—, do contrario tomo um—.

Antigas

Um deus é elle
Com valor de seis;
Em qualquer poema
De enconral-o haveis. — 1
No mourisco adorno,
N'outras veste mais,
Pelos altas grimpas
Enconral-o-has — 2

Arrebitado,
Pequeno, esguio,
Anda por barço,
Sempre macio.

2—2 — Com quatro pés, este quadrupede é dormitorio.

1—2 — Esta machina antiga nas minas é de sopro.

1—2 — Psio! É de couro no navio.

1—2 — Esta letra no canto é de côr.

LOGOGRIPO

A primeira co'a segunda

Agora não posso dar.— 1—2

Terceira com quarta, faz
Das outras differencar.— 3—4

A quarta com a segunda,

E' quente, quente, mui quente!— 4—2

A terceira com a primeira

Solta um gemido estridente.— 3—1

Emfim, segunda com prima

Caer na garganta que é um gosto.— 2—1

Decifra o que se decifra

Que eu fico cá no meu posto.

PATUSCA

Tem azas mas não vóa, acaba em RIZ;

Tabaqueia, tem ventas... o pimpão!

Quem nunca decifrar este nariz,

Um dito ganhará de papelão.

Olha o concito aqui:

Atichi!!

D. PASTEL.

N. B.—Tudo quanto diga respeito a esta secção deve nos ser remettido em carta, dirigida a D. Pastel, redactor da cmesma.

LINGUAS

PORTUGUEZ, FRANCEZ E INGLEZ

PROFESSOR RODOLPHO PORCIUNGULA

Informações no escriptorio desta folha

DECLARAÇÕES

COLLEGIO PUJOL

ESTAÇÃO DOS MENDES

Relação das approvações obtidas pelos alumnos d'este collegio nos exames geraes da côrte, nos mezes de outubro e novembro do anno findo.

Portuguez (professor, o director)

D. Angelina Ferreira, Macacos; approvada com distincção.

Alberto Borges Soreval, Rio Grande do Sul; approvado com distincção.

D. Ernestina Pujol, Mendes; plenamente.

Lauro Teixeira Campos, Pirahy; plenamente.

Americo Barbosa dos Santos, Pirahy; plenamente.

Valentim Coelho Portas, Turvo; plenamente.

Olintho de C. M. de Carvalho, Campos; plenamente.

Luiz Francisco da Silva, Pirahy; plenamente.

Francisco Teixeira Leite, Vassouras; plenamente.

J. R. de Souza e Silva, Minas; plenamente.

Oribes Ribciro da Silva, Campos; approvado.

João Lopes de Oliveira Souza, S. João da Barra; approvado.

Gastão da Camara Barreto, Cantagallo; approvado.

Joaquim José Ferreira, Macacos; approvado.

Francisco Leitão Maldonado, Pirahy; approvado.

Omyntas Procopio Lopes, Mogy das Cruzes; plenamente.

Leandro Antonio da Silva, Barra Mansa; approvado.

Ruino Rocha dos Santos, Mendes; approvado.

Prudencio S. Brandão, côrte; approvado.

Jorge Marques Dubouchet, côrte; approvado.

Francez (professor, o director)

Alberto B. Soreval, Rio Grande do Sul; plenamente.

Antonio Souza Rodrigues, Queimados; approvado.

Elpidio Garcia, Barra do Pirahy; approvado.

Olintho M. de Castro, Campos; approvado.

José Gonçalves Pereira Junior, Ouro Preto; approvado.

Inglez (professor, o Sr. Levindo Lafayette)

Afonso Lignori Lopes, Mogy das Cruzes; plenamente.

Emilio da Gama Lobo d'Eça, Matto Grosso; plenamente.

Pretextato José da Silva, Maranhão; approvado.

Antonio Souza Rodrigues, Queimados; approvado.

Lucio Pereira de Mello, Queimados; approvado.

Geographia (professor, o director)

Izidoro Souza Ribeiro, côrte; plenamente.

Gastão Camara Barreto, Cantagallo; plenamente.

Valentim Coelho Portas, Turvo; approvado.

Oribes Ribeiro da Silva, Campos; approvado.

Afonso Lignori Lopes, Mogy das Cruzes; approvado.

João Lopes de Oliveira Souza, S. João da Barra; approvado.

Historia (professor, o director)

Florentino Souza Avides, Haguahy; plenamente.

José Dias Moreira, Cantagallo; approvado.

Arthur Gomes Mexias, Mendes; approvado.

Arithmetica (professor, o Sr. Clementino de Araujo)

Antonio Pedroso Souto, Rio Grande do Sul; plenamente.

Samuel Gonçalves Moraes, Volta Redonda; approvado.

Arthur Coutinho Alvarenga, Victoria; approvado.

Julio de Paula Rodrigues, Cantagallo; approvado.

Geometria (professor, o Sr. Clementino de Araujo)

José Dias Moreira, Cantagallo; approvado.

Recapitulação

Approvados com distincção	2
Approvados plenamente....	15
Approvados.....	27
Total.....	44
Reprovados.....	8

A frequencia d'este anno foi de 73 internos, pertencendo a maior parte dos alumnos ao curso primario.

O director aproveita a oportunidade para agradecer aos Srs. pais a confiança n'elle depositada, e aos Srs. professores Levindo Lafayette, Paulo Caldeira, Clementino de Araujo, Procopio Carneiro, Luiz Felipe da Rosa, Dias Moreira e J. J. Pereira o seu zelo incançavel e valiosa coadjuvação nos trabalhos escolares e na gerencia interna do estabelecimento.

As aulas reabrem-se a 10 de janeiro proximo.

O collegio entrou em seu 16º anno de existencia.

Os estatutos podem ser procurados, por especial obsequio, no escriptorio d'esta folha.

NOTA.— Não recebe alumnos maiores de 14 annos.

Mendes. 1º de Janeiro de 1885.—O director, H. C. Pujol.

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Gulmarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú »	por Quirino R. Vieira.	QUADRILHAS — « Harmonias brasileiras »	por Quirino R. Vieira.
» « Teus olhos me matam »	» » » » »	» « Arcadia »	» Franc. Gonzaga.
» « Radiante »	» Francisca Gonzaga.	» « Stella »	» Frederico Mallio.
» « Si fuera verdad! »	» » » » »	VALSAS — « Perola »	» Geraldo Ribeiro.
		» « Comme je t'aime! »	» Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52

COLLEGIO D. CASTORINA

Este collegio para ambos os sexos, abrirá suas aulas no dia 10 de Janeiro.

RUA MARTINS LAGE N. 5
ENGENHO NOVO

SALÃO SALVADOR

Grande salão de barbear e cortar cabellos e completo sortimento de perfumarias.

JOSÉ PINHEIRO
7 RUA DO OUVIDOR 7

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

EXTERNATO JOÃO DE DEUS

Curso geral de instrução primaria e secundaria

Das 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

Rua Sete de Setembro n. 60

PENDULA MERIDIONAL

Especialidade de brilhantes do Brazil, joias modernas e relógios de todas as qualidades.

CASA DE ERNEST MERLIN
38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38

AGENCIA DE ASSIGNATURA

para todos os jornaes Estrangeiros, Redacção e administração dos jornaes A Estação e A Mãe de Família.

LOMBAERTS & C.^{IA}
7 RUA DOS OURIVES 7
RIO DE JANEIRO

MENEZES VIEIRA

JARDIM DAS CRIANÇAS

26 RUA DOS INVALIDOS 26
TRABALHOS DIDACTICOS

VENDEM-SE NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DA CORTE

AU GRAND FIGARO

SALÃO DE BARBEIRO E CABELLEIREIRO

Grande e variado sortimento de perfumes

VIANNA & COSTA
34 D RUA DOS OURIVES 34 D

GAZETA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Preço da assignatura para a corte e provincias 48000 por anno. Numero avulso 200 reis.

Publica artigos de critica litteraria, romances e contos originaes, ineditos de verdadeira importancia para a historia patria, impressões de viagem, poesias selectas e artigos scientificos e litterarios de interesse real para o paiz.

Recebe annuncios pelos seguintes preços: na 1.ª pagina 153; pagina inteira 123; meia pagina 73; quarto de pagina 43. Por linha 140 rs. Aviso 200 rs. por linha.

Qualquer reclamação póde ser dirigida aos nossos agentes os Srs. FARO & NUNES, Livraria Contemporanea.

RUA DO OUVIDOR 74, Rio de Janeiro.

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO

DE

CALÇADO NACIONAL E ESTRANGEIRO
F. DE CARVALHO

14 Largo de S. Francisco de Paula 14

CASA ESPECIAL

DE

REFRESCOS E BEBIDAS

Bernardino Teixeira Ramos

39 Rua dos Ourives 39